

almada

A SUDOESTE

por Sheppard de Macedo



ALGURES em Lisboa e no ano-limite de 1935, um ex-estudante de medicina, Dário Martins, e um pintor-dramaturgo José de Almada Negreiros, lançaram na roda das letras uma revista de vida efêmera, *Sudoeste*, que os bibliófilos citam hoje na lista das raridades e que os estudiosos do modernismo português só raramente e de passagem parecem ter folheado.

Almada, então na «fase peninsular», com as exposições de Madrid e com os trabalhos de decoração do Cine Barceló, Teatro Maíoz Seca, etc., trazia ainda o toleio do polemista dos manifestos do modernismo e singrava em plena paixão do teatro. Mas estava-se no ano-limite de 1935, a poucos meses da guerra de Espanha, da Espanha que ele tanto visitava, e é sem dúvida significativo (e indispensável) rater os três números publicados de *Sudoeste* à luz dessa contingência histórica.

UM LONGO PENSAR

SUDOESTE era um projecto de longa gestação: «Quando há quinze anos tive a ideia do *Sudoeste*...», diz Almada na introdução do 2.º número. Uma ideia marcada pelo individualismo da *Presença* e pelo tom antiprovinciano que se inspirava em Pessoa, pelo menos. Veio a público como caderno pessoal — *Cadernos de Almada Negreiros*, designava-se a publicação — mas no 3.º e último número surge como revista programada com todo o ideário do *Orpheu* reconstituído e renovado em colaborações inéditas dos apóstolos do modernismo. José Pacheco e Santa-Rita Pintor estão intimamente ligados ao empreendimento, Pessoa também: o número abre com textos dele, E Sá Carneiro, E Régio, de quem se publica o 1.º número de *As Encruzilhadas de Deus*, «livro a aparecer em breve». De João Gaspar Simões, Su-

doeste n.º 3, inclui um texto apologético — *Nós «A Presença»* — e um ensaio: *A Ordem e a Literatura*. De Carlos Queiroz, Saul Dias e do próprio Almada, poemas. Não há dúvida, e está bem expresso no contexto ideológico da publicação: *Sudoeste* iria ser o novo órgão dos grandes modernistas. Di-lo Fernando Pessoa a abrir o 3.º número com voz de arauto de boa nova: «*Orpheu* acabou. *Orpheu* continua».

ALMADA E A EUROPA

EM 1932, os jovens do *Orpheu* já tinham como se sabe, vencido a indiferença das muralhas intelectuais. Almada, com uma abundante aventura intelectual e artística, ao lançar os primeiros números de *Sudoeste*, recebeu amplo acolhimento da imprensa, em particular do *Diário de Lisboa* nos comentários de João de Barros Idem de *O Diabo*, do *Diário de Notícias* etc., e até de Dutra Faria, que o saudou em *O Fradique*. Só o *Bandarra*, ao que parece, se sobressaltou com o novo empreendimento — e Almada vem à carga acusando um tal M. M., articulista em desespero, com termos directos e penetrantes:

«O patriotismo de M. M. esforça-se tanto por Portugal que até lhe faz apagar os sobejos da geografia! O meu primeiro movimento ao saber pela descoberta de M. M., que a Espanha estava sem futuro, foi o de mandar imediatamente os meus sentidos pesames aos vinte e cinco milhões de espanhóis metropolitanos! E assim se lhes acaba com a raça!»

Pois, este é o ponto importante para se desorientar a posição de Almada nesse ano-limite de 1935 em que uma corrente da opinião afirmava, como M. M. no *Bandarra*, que a Espanha estava sem futuro. Num talentoso tão am-

biguo como o autor de *A E: gomadeira* e de *Portugal, Direcção Única*, num polemista de tanto exibicionismo e num cidadão de tão vários e constantes aplausos, os dois primeiros números de *Sudoeste* (justamente aqueles que se responsabilizavam co-

«União ibérica, nunca. «Aljubarrota mais Torô igual a zero [...] A primeira parte da missão da civilização ibérica já foi cumprida: o império colonial português e o império colonial espanhol, a América Latina, e o sangue português e o sangue espanhol espalhados pelo mundo inteiro.»

E noutro capítulo («Colectividade Portuguesa»).

«A Cruz de Cristo, a esfera armilar, a caravela, a roda de Santa Catarina, o pelicano, a Imaculada Conceição, a coroa real e o barrete frigio são símbolos da História de Portugal. As quasas são o único sinal representativo de Portugal.»

AS REFERÊNCIAS DO TEMPO

1935 data do *Sudoeste*, marca as vésperas do hi-

nhol do que nunca...», escreve ele em a «Civilização Peninsular», *Sudoeste* n.º 1). Perante as teorias do expansionismo racista, que então se propagam pela Europa, as concepções de Almada parecem envolver uma crítica ao pangermanismo, anti-semita quando diz a certo passo: «uma nacionalidade necessita de abranger no seu conjunto único a maior diversidade de caracteres humanos, respectivamente ao seu carácter comum e deduzido de entre todos [...] Uma raça de sangue não pode formar uma nacionalidade, pelo menos, uma nacionalidade que perdure através dos séculos. Exemplo: a raça judaica. É uma raça sem nacionalidade. Será sempre uma raça sem nacionalidade na Europa. Não cabem na Europa as autonomias de raça de sangue.»

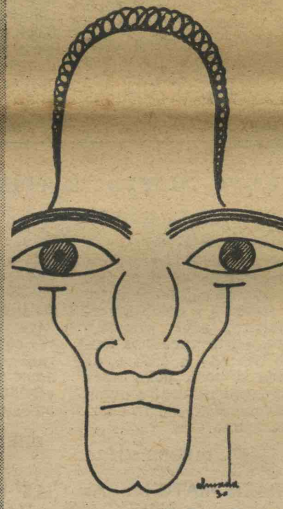
hitlerismo», escreve ele em *Mística Colectiva*, «qualquer outro nacionalismo, embora aparentem discórdia de políticas não serão o mesmo e único significado de cada caso particular europeu. Cada um destes regimes se fecha dentro das suas próprias fronteiras...»

Hoje, associamos irremediavelmente estas afirmações dos conhecidos argumentos do não-intervencionismo de Neville Chamberlain e as contemporizações da conferência de Munique. Mas se continuarmos a leitura do artigo veremos uma nova associação no pensamento de Almada — a da divinização do *leader*, tão do gosto de Sardenha e dos teóricos do integralismo lusitano:

«Cada povo europeu actual há-de fazer resuscitar do barbarismo da sua origem a mística colectiva da sua própria integração na terra-berco [...] A mística colectiva cre no chefe presente como vé no Deus seu privativo. A Alemanha ressuscitará a Arminius, a França a Vercingetorix, Portugal a Viriato.»



Almada e «Sudoeste»: a poucos meses da guerra de Espanha, um Almada «peninsular» e uma aventura esparsa...



Sudoeste, aventura esparsa de Almada Negreiros vale, para além do mais, como um caderno de memórias em que se vislumbra — apenas se vislumbra — algumas linhas da personalidade do artista. No plano literário, porém, o valor documental é ultrapassado pela indiscutível riqueza das contribuições poéticas, sobretudo, Dário Martins, com o seu gosto intelectual e o seu companheirismo fraterno, possibilitou sem dúvida a renovação de um contacto do público com meia dúzia de escritores e artistas que são dos maiores da História da Cultura portuguesa. Almada também, evidentemente. Ao transformar os seus cadernos privados numa revista com nomes como os de Mário Eloy, Pessoa, Sá Carneiro, Mário Sá, José Régio, Gaspar Simões, etc., ele procurou dar uma comunicação nova a um ideário estético que, nos seus escritos, surge demasiado ambíguo para ser acolhido com a veemência que propunha.

